

**TECNOLOGIA**

USO DE IA NAS REDAÇÕES  
LEVANTA DEBATE SOBRE  
ÉTICA JORNALÍSTICA

3

**TRADIÇÃO**

DOÇARIA ARTESANAL  
MANTÉM VIVA A MEMÓRIA  
DA CIDADE DE GOIÁS

10

**SOCIEDADE**

PRECONCEITO NO SUS  
AFASTA POPULAÇÃO  
TRANS DA SAÚDE PÚBLICA

5



Foto: Ana Terra Curado.

# s a m a m b a i a

## EDUCAÇÃO

Cultura indígena fora das escolas e o  
ensino descolonizador pg. 9



Diagramação e Edição: Tayná Freitas | Foto: Lucas Borobó.

- OPINIÃO -

## JORNALISMO ENTRE VOZES!

TEXTO Jéssica Lima

Um jornal moldado em muitas mãos. Essa é a essência do Samambaia, laboratório que na sua mais nova edição, segue firmado com o compromisso da formação de jornalistas atentos à realidade plural e multifacetada que nos cerca, sobretudo em um contexto que escancara a urgência por um jornalismo vivo, sensível, ético e transformador.

Para chegar ao resultado coeso que está em suas mãos, foi preciso um exercício caro ao jornalismo: a escuta atenta. Ouvir anseios e indagações de estudantes diferentes, mas unidos pelo fio da curiosidade e do desejo de produzir uma edição capaz de expressar o ritmo instigante de cada pauta cuidadosamente selecionada, apurada, revisada e construída de modo coletivo. Assim como os doces da Cidade de Goiás, as reportagens,

crônicas e imagens aqui presentes foram tecidas com cuidado e esmero, diante da missão de alimentar um jornalismo que ultrapassa declarações ou o senso comum.

Nas próximas páginas, abre-se espaço para cultura, esporte, literatura, diálogos contra preconceitos e desigualdades, reflexões sobre tecnologia e consumo, informações sobre bem estar e saúde mental, além de provocações diretas sobre a garantia, ou ausência, de direitos fundamentais.

A cada edição, estabelecemos uma ponte para o futuro no qual o jornalismo cumpre plenamente o seu papel — olhos abertos para o presente e ouvidos atentos às histórias que emergem das ruas. Desse modo, aproximando-nos da trigésima edição, seguimos conscientes dos desafios para a produção jornalística em impresso no Brasil, mas “...no meio do caminho, há um Samambaia”, e assim resistiremos.

## RUMOR

POR Winderson Tallys Morais



- CRÔNICA -

## COLORISMO

POR Ariel Campos | Ilustração Luana Sampaio

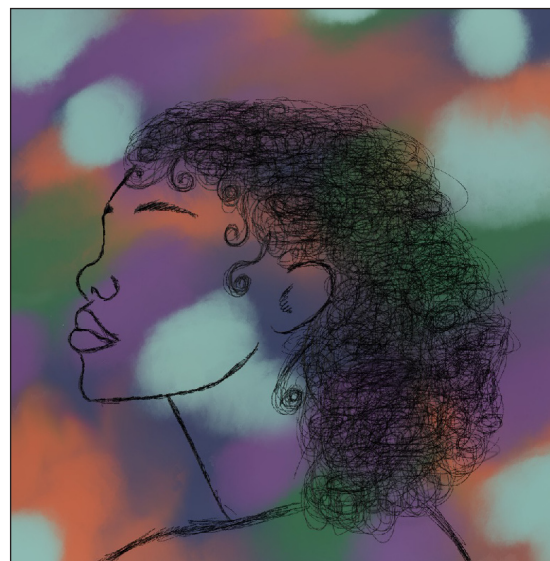
Noite de domingo é sinônimo de conversa. Passam-se as horas e os assuntos voam; o ócio e o conforto, em maioria, da própria casa espelham isso, afinal não há nada mais confortável do que uma roda de conversa entre amigos. Mas é interessante como noite de domingo também incita inquietação. Foi numa dessas noites que fiquei inquieto. Afinal, o que faz do preto um pardo?

Uma amiga, dentro do assunto, comentava piadas internas entre nós seis. No meio de risadas e instigações ela nos nomeia - eu e ela - como Os Não-Branços. Mas ora, porque “não-brancos”? Afinal de contas o que não é claro é negro, certo? Afinal de contas já há uma nomenclatura direta.

Afinal de contas eu, sem dúvida, sou preto, e no fim da história, entre boca, olhos, cabelo, mãos, cultura e genética ela também é. Então, se ambos somos pretos,

porque somos os “não-brancos”?

Pensando nisso lembrei que naquele mesmo dia, visitando um vizinho, ouvi o âncora do jornal da tarde sinalizar que quase 113 milhões entre os brasileiros se autodeclararam o que ela destaca como não-brancos. As vivências sempre estiveram encaixadas, sobretudo, entre a parcela preta da população brasileira, mas assim como minha amiga, outros 92 milhões de brasileiros não se declaram pretos. Talvez ela seja



um pouco clara para acreditarem que ela furtaria algum lugar ou pra ser mal atendida em algum ambiente comercial, de fato uma vivência diferente.

Pensei, também, nos debates e políticas trabalhistas que têm sido levantados a fim de compreender e atribuir relevância às pautas negras. É tudo muito importante, eu sei, mas a lógica desses eventos costuma ser meio rasa e não tocar onde realmente é necessário; talvez, inclusive, a minha amiga não se chamasse

de preta por uma vaga de emprego que não foi negada, o que já seria diferente da professora e pesquisadora Érica Bispo.

Anos de segregação e mérito ao claro fizeram com que uma amiga não se sentisse capaz de auto identificação com suas origens pretas, pois ela “sempre foi clara demais para ser preta”. Afinal, o tom da pele sempre definirá melhor um cidadão negro, já que parentesco, fisionomia e vivência são parâmetros arbitrários demais para o outro. No fim do dia o que importa é ser suficientemente clara.

Mas, enfim, essa conversa não durou nem 10 minutos. Meus pensamentos, então, voaram totais em milésimos de segundos. Eu ainda me indago se ela conseguiu se encontrar em algo para além do “não-branco”, mas paciência, quase um século de censos não foram capazes de estabelecer de maneira concreta o que é pardo; ela tem o direito de pensar com calma.

s a m a m b a i a



Ano XXVI - Nº 92  
Março de 2026  
Jornal Laboratório  
Curso de Jornalismo  
Faculdade de Informação  
e Comunicação  
Universidade Federal de Goiás

Sandramara Matias Chaves  
REITORA

Daniel Christino  
DIRETOR DA FACULDADE INFORMAÇÃO E  
COMUNICAÇÃO

Solange Franco  
COORDENADORA DO CURSO DE  
JORNALISMO

Kamilla Santos  
EDIÇÃO GERAL DO SAMAMBAIA

Kamilla Santos  
Jéssica Lima  
PRODUÇÃO EXECUTIVA

Tayná Freitas  
EDITOR DE DIAGRAMAÇÃO  
MONTORA

Turma de Jornal Impresso II  
EDIÇÃO EXECUTIVA  
TEXTO E DIAGRAMAÇÃO

- TECNOLOGIA -

# JORNALISMO “ARTIFICIAL”

USO DE IA  
COLOCA EM  
DEBATE A ÉTICA  
NA PRODUÇÃO  
JORNALÍSTICA

REPORTAGEM Marcos Linhares e  
Luan Alves  
EDIÇÃO Barbara Rigonato

O uso crescente de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) é perceptível no dia-a-dia. Cada vez mais, essas novas tecnologias fazem parte do nosso cotidiano, seja para uma pesquisa rápida, uma indicação de filme ou série, a edição ou criação de imagem, entre outros usos. Para além desse uso doméstico, muitas profissões passaram a integrar a IA no seu modo de trabalho, como na edição de vídeos, criação de conteúdos de imagens. E o jornalismo não ficou de fora. Movimento que levanta um debate: até que ponto é válido o uso das inteligências artificiais na construção da notícia?

Segundo dados da pesquisa “Nossa vida com IA - Da inovação para a aplicação” (Our life with AI - From Innovation to Application) realizada pelo Google em parceria com o instituto de pesquisa IPSOS, o Brasil está entre os países que mais fazem uso de IAs generativas. Entre os brasileiros entrevistados, cerca de 54% afirmaram ter feito uso de alguma ferramenta da inteligência artificial no ano de 2024 - 6% a mais que a média global, que é de 48%.

O Brasil também se destaca no ambiente profissional, 25% afirmam que a tecnologia permite trabalhar mais rápido, enquanto 31% dizem que os benefícios dessas novas tecnologias devem chegar dentro de cinco anos. Nesse cenário onde a aplicação de ferramentas de IA é percebida, profissionais do jornalismo têm feito uso desse tipo de tecnologia para edição de textos, pesquisa de informações e até para análise de dados.

## DEBATE

Um aspecto bastante destacado por usuários dessas tecnologias no jornalismo, é a agilidade que essas novas ferramentas deram à produção das notícias. Em um mundo com a necessidade de respostas rápidas e onde jornalistas precisam produzir cada vez em maior quantidade e velocidade, reduzir o tempo de produ-

ção é essencial. Ponto em que muitos jornalistas defendem o uso da IA nas suas rotinas profissionais.

Em contrapartida, há aqueles que optam por não fazer o uso delas, seja por falta de adaptação ou por não sentir que precisam de tais mecanismos. Como é o caso do jornalista Thyago Humberto, que trabalha com rádio e televisão e relata que não faz uso da IA no seu dia-a-dia profissional. “Indo na contramão de muitos colegas da imprensa, eu não faço uso de nenhum mecanismo para o meu trabalho, não por algum tipo de preconceito ou de relutância para essa nova era da comunicação, essa nova tecnologia, não por isso, mas porque ainda não vi necessidade no meu trabalho” diz Thyago. Por outro lado, há jornalistas que enxergam na inteligência artificial uma ferramenta útil para otimizar a geração de notícias, agilizar processo de produção e ampliar capacidade de apuração e checagem. Como é o caso de Lucas Freitas, jornalista formado pela UNIFASAM e que atua com produção de notícias para as redes sociais. O principal fator defendido por Lucas e demais profissionais que fazem uso desta tecnologia é a agilidade do processo de produção. Ele afirma que a Inteligência artificial organiza o texto de forma rápida e objetiva, dando dinamismo e oferecendo tempo maior para outras produções. Além disso, Lucas dá outro tipo de uso para a IA: “uso muito para corrigir possíveis erros de ortografia e escrita.” diz.

No entanto, à medida que a presença de IA cresce nas redações jornalísticas, cresce também o debate sobre os limites éticos do seu uso. Questões como autoria, veracidade das informações e transparência no processo de produção ganham destaque e tem exigido uma reflexão profunda de profissionais e respectivos veículos de comunicação.

## ÉTICA

Mariza Fernandes, professora do curso de jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG) e pesquisadora nas áreas de Jornalismo de Dados e Inteligência Artificial no Jornalismo ressalta que o limite está na responsabilidade do jornalista. “O limite ético está no ponto em que você não consegue se responsabilizar pelo que está sendo publicado, porque isso é algo que está nos princípios deontológicos da profissão. O jornalista tem que responder pelo que ele publica.” diz.

Veículos de comunicação já buscam meios de tornar essa relação mais transparente para a audiência;

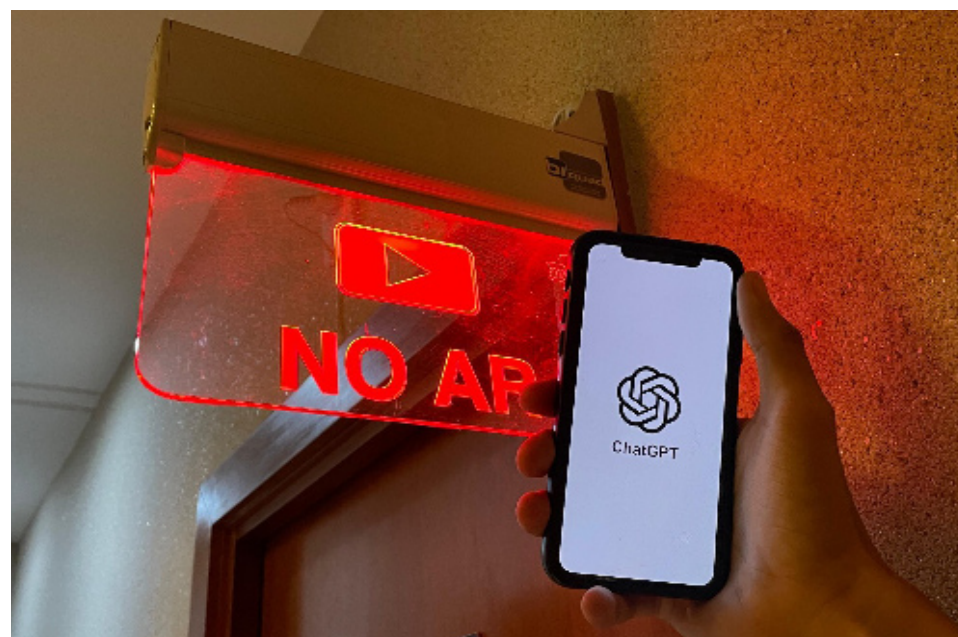


Foto: Marcos Linhares

Uso de IA está cada vez mais presente nas redações jornalísticas.

à medida que se torna cada vez mais difícil diferenciar o que é gerado por IA do que não é, empresas do ramo buscam criar meios de deixar isso explícito para quem consome a notícia e criar normativas para o uso das tecnologias dentro de suas redações. Em uma pesquisa recente, Mariza analisou manuais de redação de diversos

e independente e o jornalismo deve diferenciar o conteúdo “sintético” do “autêntico”.

Quanto a este último, Mariza alerta sobre possíveis riscos nessa relação, dentre eles, o possível aumento da desinformação na internet e excesso de informação na rede. “A IA gera o que a gente chama de poluição

“ O limite ético está no ponto em que você não consegue se responsabilizar pelo que está sendo publicado. O jornalista tem que responder pelo que ele publica. ”

**MARIZA FERNANDES**

Professora e pesquisadora da UFG

veículos de imprensa. A pesquisadora observou que a maioria destas empresas já busca sinalizar quando é usada inteligência artificial na produção da notícia e quem é o jornalista responsável pela informação publicada. Porém, somente em um desses manuais é obrigatória a supervisão humana em todo o processo.

Os pontos destacados pela professora, vão de acordo com princípios destacados na carta de Paris sobre IA e Jornalismo, documento lançado no final de 2023 pela organização Repórteres Sem Fronteiras. Na carta, são destacados os 10 princípios para o uso ético e responsável das ferramentas de IA.

Além da responsabilização, e da transparência destacadas pela professora, a carta de Paris destaca entre os 10 pontos, alguns como: a mídia deve priorizar o humano; e que os sistemas de IA usados no jornalismo devem passar por uma avaliação prévia

informativa. Tem mais informação circulando, mas a qualidade dessa informação é baixa.” afirma.

A professora ainda destaca caminhos para um uso responsável dessas novas tecnologias: Usar o auxílio das IAs para a parte “mecânica” da produção, como correção e aprimoramento de textos, análise de dados e o uso como ferramenta para que o jornalista aprenda sobre temas dos quais não domina bem. Ela destaca que o importante é ter sempre o código de ética do jornalismo como base no trabalho.

De uma forma geral, as ferramentas de inteligência artificial são úteis para um auxílio no processo de produção jornalística, e podem ser usadas como parte deste trabalho, mas nunca devem ser as responsáveis pelo “todo” na construção da notícia, não negligenciando a autonomia e a identidade do profissional de imprensa que a escreveu.

# DOAÇÃO DE MEDULA ÓSSEA

UM GESTO  
SIMPLES  
QUE PODE  
SALVAR  
VIDAS

REPORTAGEM Vitória Farias  
EDIÇÃO Anna Júlia Martins

A doação de medula óssea é uma atitude acessível mas capaz de transformar milhares de vidas. Dados do Instituto Nacional de Câncer mostram que mais de 11 mil brasileiros recebem diagnóstico de leucemia. O Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (REDOME) junto com o Sistema Único de Saúde (SUS), conta com mais de 6 milhões de pessoas cadastradas. Esse é o terceiro maior registro de doadores voluntários de medula óssea no mundo.

No estado de Goiás, mais de 250 mil pessoas estão registradas no banco público, e em 30 anos, mais de 800 transplantes foram realizados no estado. Apesar do número de doadores parecer bastante expressivo, Goiás é o sexto colocado entre todos os estados do Brasil e o Distrito Federal, ficando atrás de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná.

A diretora de captação e atendimento ao doador do hemocentro Goiás, Daynara Vilar, fala sobre o andamento para encontrar novos doadores. “O hemocentro de Goiás tem desenvolvido diversas ações para maior captação de cadastro de doadores de medula óssea, desde palestras em diversas instituições [...] até ações específicas com pontos de atendimento” disse Daynara.

## DOAR

A doação de medula óssea é um gesto solidário, simples e que pode salvar vidas. Consiste na substituição de uma medula óssea deficitária, por células normais da medula óssea, com o objetivo de reconstituição de uma nova medula saudável.

Há duas maneiras de doar, por punção e por aférese. No procedimento por punção, a medula é retirada diretamente do interior do osso da bacia do doador, é necessária anestesia e dura um pouco mais de uma hora de coleta.

Em contrapartida, por aférese, o doador toma uma medicação por cinco dias para aumentar as células-tronco no sangue, que depois são coletadas através de uma máquina de aférese, enquanto o sangue é devolvido ao doador e a duração é de três a quatro horas.

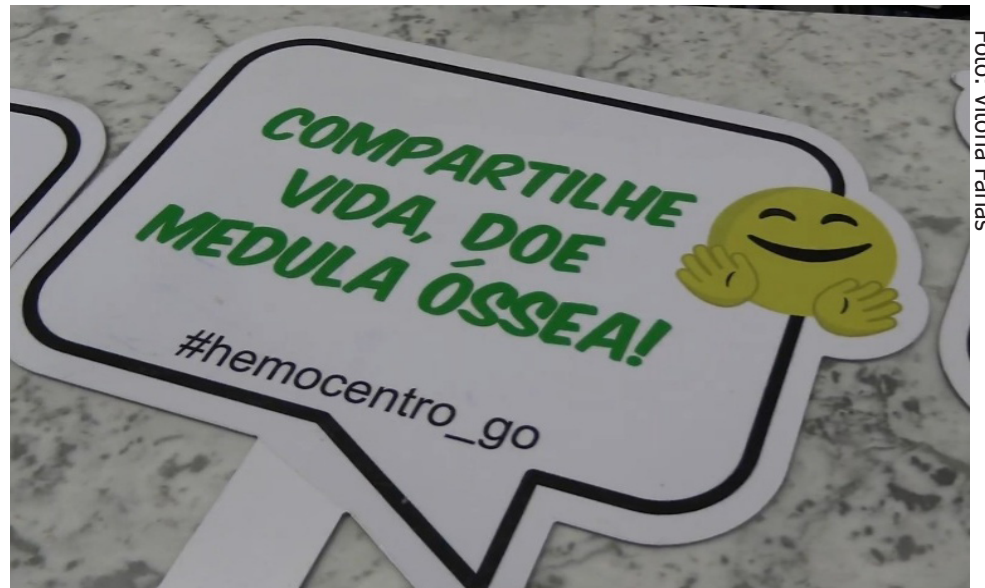
Foi o caso da Sarah Rebeca Ponte Viana, 27 anos, influenciadora digital

“Então depois de tudo isso eu posso dizer que doar medula é um ato de amor muito maior que qualquer desconforto que a gente como doador possa sentir”

**SARAH VIANA**  
Influenciadora digital

que compartilhou com seus seguidores todo o processo de doação em suas redes sociais. “Me cadastrei como doadora de medula óssea porque doo sangue desde os meus 16 anos, sempre muito incentivada pelos meus pais” declara Sarah.

O REDOME entrou em contato com a Rebeca para fazer um exame de sangue e comprovar a compatibilidade. Depois de alguns meses, ela realizou uma bateria de exames e deu início ao processo de doação com acompanhamento de equipe médica.



Placa que incentiva a interação fotográfica da comunidade.

## COMPATIBILIDADE

O procedimento é confidencial e sigiloso. O doador não pode saber nenhuma informação sobre o paciente que vai receber a medula. Toda a questão em volta desse assunto é muito

Além disso, existe uma diferença entre o transplante com um doador aparentado e um não aparentado. Ambos levam a cura do paciente, porém o feito com um familiar tem menos chance de rejeição e usa menos imunossuppressores. Esses medicamentos são utilizados para diminuir a ação do sistema imunológico evitando a rejeição do transplante.

É importante ressaltar que o transplante de medula óssea não é a primeira opção para tratar doenças como a leucemia. “Ele é uma das opções de tratamento e, na verdade, é o tratamento para as leucemias que já fizeram todos os tratamentos de quimioterapia, mas não responderam às mesmas” ressalta Marina.

Para ser doador é simples, basta ir no hemocentro mais próximo, se cadastrar e fazer uma pequena doação de 5ml de sangue para que isso sirva de registro para o banco. Para isso é preciso estar dentro de algumas condições específicas:

### Pré requisitos:

- Ter entre 18 e 35 anos de idade;
- Estar em bom estado geral de saúde;
- Não ter doença infecciosa transmissível pelo sangue;
- Não apresentar doença neoplásica (câncer), hematológica (do sangue) ou do sistema imunológico
- Levar o documento oficial com foto

delicado, a compatibilidade é um fator crucial para que ocorra a doação mas as chances são muito reduzidas.

Entre doador e receptor que são irmãos do mesmo pai e mãe, existe a possibilidade de 25% de compatibilidade. Já em não aparentados, a chance é de 1 em 100 mil pessoas.

A Doutora Marina Aguiar, hematologista especialista em transplante de medula óssea, diz que um dos maiores avanços da medicina nos últimos tempos, foi a descoberta de realizar o transplante com doador 50% compatível.

“Então, aquele paciente que não tinha um irmão 100% compatível e não achava um doador no REDOME, se ele tiver um irmão 50% compatível, ou até mesmo um pai, mãe, ou filho, com 50% do HLA compatível, hoje em dia a gente já tem essa possibilidade de realizar o transplante” diz.

### O que é o HLA?

O HLA é um conjunto de proteínas na superfície da maioria das células do corpo que o sistema imunológico usa para distinguir o que pertence ao corpo e o que é estranho.



Imagem: Divulgação/Hemocentro

Mais de 300 coletas de medula são realizadas por ano

# SAÚDE TRANS NO SUS

## UMA QUESTÃO PÚBLICA, E NÃO APENAS EFEITOS DE ESCOLHAS INDIVIDUAIS

REPORTAGEM Bárbara Rigonato e Fernanda Luz  
EDIÇÃO: Arthur Gabriel

“A transição é uma das partes mais dolorosas para nós, trans. Às vezes, muitas de nós nos comparamos com outras que têm mais condições financeiras de fazer uma transição perfeita, um ótimo acompanhamento, acesso a ótimos homônimos... isso faz muita diferença na transição. Comecei a ter acesso depois de muito tempo por ajuda de serviços e mutirões realizados pelo Estado.”

A fala acima é de Lívia Gomes, mulher de 24 anos que conseguiu fazer o processo de transição de gênero pelo Sistema Único de Saúde (SUS), por meio do Ambulatório Regionalizado do Processo de Afirmação de Gênero do Senador Canedo. Ela reflete a realidade de milhares de pessoas trans no Brasil, que enfrentam, dentre diversas outras dificuldades, uma longa espera para o início da hormonioterapia, tratamento que tem papel fundamental nas mudanças do corpo para a adequação à identidade de gênero.

O tempo não é o único problema. Em 2006, por meio da Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS) conferiu às travestis e transexuais o direito ao uso do nome social em qualquer unidade de saúde. Porém, o que se vê na realidade é o despreparo dos profissionais dentro desses espaços. Marcelo Honório, psicólogo e escritor do blog “Terapia

Gay”, afirma: “Não é incomum ouvir histórias de pacientes que se sentiram violentados por algum servidor público que se nega a tratá-los pelo nome que se identificam.”

Arthur Gabriel, de 26 anos, afirma que nunca teve o nome social respeitado no SUS. “Eu ainda não havia mudado meus documentos, e era tratado pelo meu nome ‘morto’. Não tem inclusão no SUS, mas deveria ter.”

Pensamentos discriminatórios e preconceituosos, que estão enraizados na sociedade, afetam diretamente pessoas trans. Essa transfobia estrutural também é reproduzida dentro dos sistemas de saúde. Uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) revelou que 94% das pessoas trans entrevistadas já sofreram violência ou discriminação no atendimento à saúde. Entre elas, 36% disseram que foram recusadas em atendimentos por serem trans, e 78% acreditam que o Sistema Único de Saúde (SUS) não oferece atendimento adequado à população trans.

Lívia Gomes, de 24 anos, relata que, ao buscar tratamento odontológico no SUS, o atendimento era negado pelas recepcionistas da Unidade Básica de Saúde (UBS): “Elas ficavam dando risadinhas quando eu chegava no local, e quando eu falava que precisava de um dentista, elas diziam que estava cheio ou que estava com algum outro problema. Resumindo: elas negavam atendimento para mim. Perdi boa parte da minha arcada dentária por causa delas”, relata.

A demora no processo transexualizador oferecido pelo SUS também é uma queixa da comunidade trans. “Primeiro você entra na fila. Depois, passa pelo psicólogo e pelo assistente social. Depois vem o endocrinologista. Todo esse processo, até chegar a parte da hormonização, dura de 2 a 3 anos”, afirma Arthur, que optou por fazer a hormonização com a ajuda de uma amiga, que também pertence à



Cartelas de anticoncepcional distribuídas gratuitamente no SUS.

Foto: Fernanda Luz

“O tratamento, feito de forma errada, pode causar doenças graves ou até mesmo levar à morte

LÍVIA GOMES  
24 anos

”

comunidade trans.

A demora pode ser explicada por dados do Ministério da Saúde que afirmam que, no Brasil, existem apenas 27 unidades de saúde habilitadas para prestar a Atenção Especializada no Processo Transexualizador. Boa parte delas está localizada nas regiões Sul e Sudeste do país, o que dificulta o acesso de pessoas de outras regiões. Apesar disso, Goiás foi o segundo estado brasileiro a implantar um Programa de Transexualidade no Brasil, e a capital goiana lidera o ranking nacional de cirurgias de redesignação sexual, com 26 procedimentos realizados em 2023 e 2024, de acordo com a Secretaria de Estado da Saúde de Goiás.

### EFEITOS

A invalidação do nome social, a reprodução da transfobia estrutural e a longa espera nos sistemas de saúde afastam as pessoas trans desses espaços. “Falta letramento de gênero e sexualidade para quem oferece atendimento na saúde. Por efeito, as pessoas trans acabam evadindo esses espaços que, a priori, também as contemplam”, afirma Marcelo.

A fuga do sistema de saúde, lugar que, em teoria, deveria oferecer acolhimento, tratamento e respeito às pessoas trans, faz com que muitas delas recorram a métodos de transição alternativos, como a hormonização sem acompanhamento médico, e deixem de buscar atendimentos de saúde que são essenciais ao seu bem-estar.

Camila Lopes, endocrinologista, afirma que os riscos da hormonioterapia

sem acompanhamento médico são graves e potencialmente fatais: “Uma pessoa trans que inicia o processo de transição sem um endocrinologista, muitas vezes, não toma a dosagem adequada, e o excesso de hormônios pode causar problemas graves à saúde. É muito comum em mulheres trans, por exemplo, casos de trombose.”

Lívia conta que começou a se automedicar, mas afirma que isso não deve ser feito de maneira alguma: “O tratamento, feito de forma errada, pode causar doenças graves ou até mesmo levar à morte. Por esse e outro motivos, não vemos mulheres e homens trans chegarem aos 50 ou 60 anos de idade, pela falta de acompanhamento correto. Eu estava quase desenvolvendo trombose”.

Já Erick Vidal, de 31 anos, conta que, mesmo que as consultas periódicas de ginecologia sejam essenciais para sua saúde, ele as evita: “Não conheço uma ginecologista que trabalhe com homens trans. E eu não me sentiria confortável... não sei como seria para a profissional. Tem gente que é preconceituosa. Eu prefiro recorrer a autoproteção do que arriscar e acabar sendo infeliz. É uma dificuldade muito grande pra mim.”

O problema da saúde trans não deve ser tratado como efeito de escolhas individuais, mas sim uma questão de saúde pública. “Ainda tem uma menina que nunca saiu de dentro de mim, que foi forçada a crescer e aprender a lutar e vestir uma armadura diariamente para

sobreviver a tamanha maldade e preconceito da sociedade”, diz Lívia.



Erick Vidal atualmente em seu trabalho como barman em Goiânia.

Foto: acervo pessoal

# ENTRE COTAS E PRECONCEITOS

## AS MULHERES NEGRAS NO MERCADO DE TRABALHO TÊM SALÁRIO PRECÁRIO

REPORTAGEM Isabela Santos  
EDIÇÃO Leticia Romani

**H**istoricamente, o mercado de trabalho é em sua maioria composto por homens. Após a revolução industrial, as mulheres passaram a ocupar mais espaços, mesmo assim, as mulheres negras não eram abarcadas nos ambientes de trabalho. Dessa forma, seus afazeres se concentravam, principalmente, em atividades domésticas.

A luta para conseguir um serviço se dá graças ao racismo estrutural. Conforme os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do 2º trimestre de 2024, o Ministério do Trabalho e Emprego aponta que mulheres negras são prejudicadas no mercado de trabalho. Elas têm o dobro do desemprego dos homens não negros. Segundo a RAIS, no 2º trimestre de 2024, havia 7,5 milhões de desocupados e a taxa de desemprego média era de 6,9% para os homens não negros e de 4,6% e 10,1% para as mulheres negras, ou seja mais que o dobro da taxa dos homens não negros. Através de uma análise do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), além

de taxas de desemprego mais altas do que os homens, elas representam baixos salários e atuam mais em serviços domésticos.

Mary Luiza Gonçalves, estudante negra de história da Universidade Estadual de Goiás (UEG), afirma que “já ouvimos que a gente não tem capacidade intelectual para alcançar cargos importantes como pessoas brancas tem hoje em dia. Isso não é verdade, nós temos sim capacidade de alcançar cargos grandes”, a estudante aconselha que os alunos não desistam por conta de nenhum preconceito, a luta é árdua mas é preciso resistir.

### COTAS

Um dos avanços, que funciona como uma forma de reparação histórica, é a Lei de Cotas. As cotas raciais são ações afirmativas que destinam reservas de vagas para pessoas negras, pardas e indígenas. Devido ao processo da escravidão, as pessoas negras foram excluídas do mercado de trabalho e do ambiente escolar durante muitas gerações. Por conta de toda trajetória histórica é possível ver avanços na visibilidade negra no mercado de trabalho, mas ainda existem resquícios de desigualdade racial. Por isso surge a necessidade da lei de cotas, para incluir as pessoas negras no mercado de trabalho e educação.

No caso da desigualdade de gênero, embora mulheres apresentem um melhor desempenho educacional e apliquem anos de estudo para poder conseguir o ensino superior, elas ainda apresentam restrições nas desigualdades relacionadas à questão de gênero e



Foto: Isabela Santos.

Para Mary Luiza, ampliar políticas públicas significa criar oportunidades.

“

As políticas públicas, se aplicadas corretamente, podem inserir as mulheres negras no mercado de trabalho, para terem seus lugares conquistados com cargos e salários dignos

”

### MARY LUIZA

Estudante de história da UEG

cor. “A gente cresce ouvindo que mulheres negras não têm condições de fazer uma faculdade por causa da cor de pele. Mesmo assim, a gente precisa seguir em frente, independente da situação que for. Pode ser muito ruim, mas vai melhorar em algum momento e você vai conquistar tudo que você deseja”, aconselha Mary Luiza.

A pesquisa de Giselle Pinto sobre a situação das Mulheres negras no mercado de trabalho, traz dados sobre desigualdade racial que faz parte da história do Brasil, construída por diferentes espaços e por diferentes mulheres de diferentes maneiras.

As mulheres negras têm baixa visibilidade no mercado de trabalho e lutam desde do século XIX contra opressão discriminatória e anti-racista, excluídas por não conseguirem cargos importantes. Essa análise mostra que desigualdade racial e de gênero no mercado de trabalho brasileiro, especialmente para mulheres negras.

Para Mary Luiza a solução para mitigar essa questão deve se ancorar

nas políticas públicas, “Políticas públicas de amparo a essas mulheres, porque elas ficam totalmente à mercê, jogadas para as margens da sociedade. Esta é a questão do pós abolição que aconteceu no final do século XIX e no início do século XX. As mulheres pretas continuam sendo excluídas e trabalhando em empregos inferiores comparado aos homens e as mulheres brancas.”, encerra.

Para Vitória Karoline Afonso Rodrigues, estudante de Enfermagem e de engenharia de alimentos, “é muito difícil ver mulheres negras na área da saúde, digo por experiência, na sala com 25 alunos duas 2 são negras, já no estágio 1 ou 2 são negras”. Assim como Mary Luiza, Vitória acredita que os caminhos de solução devem ser traçados a partir de políticas públicas, “as políticas públicas, se aplicadas corretamente, podem inserir as mulheres negras no mercado de trabalho, para terem seus lugares conquistados com cargos e salários dignos”.



Foto: Arcevo pessoal.

Vitória Karoline relata ausência de mulheres negras na área da saúde.

- APARÊNCIA -

# ANOREXIA EM HOMENS DESAFIA DIAGNÓSTICO

DOENÇA SE MANIFESTA  
CEDO, MAS O  
RECONHECIMENTO  
DOS SINAIS ENTRE  
OS HOMENS É TARDIO

REPORTAGEM Elle Carvalho  
EDIÇÃO Raul Modesto



Foto: Elle Carvalho

Silêncio e isolamento são sintomas recorrentes da anorexia em homens.

A anorexia nervosa, que é muitas vezes associada a mulheres, tem afetado um número crescente de homens de forma silenciosa. Por ser uma doença psiquiátrica, também conhecida como transtorno alimentar, pode provocar distorção da imagem corporal e o medo extremo de ganhar peso. Além disso, enfrenta o estigma da masculinidade, o que dificulta a busca por ajuda e o rápido diagnóstico desses pacientes.

Estima-se que pode levar anos para que se perceba o início dos sintomas e a busca por tratamento. Grande parte dessa demora está relacionada ao fato de os homens não perceberem que estão doentes. Segundo dados do Ambulatório de Transtornos Alimentares (Ambulim), do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, 25 novos casos de homens e cerca de 70 de mulheres chegam ao serviço todos os meses. Metade dos pacientes do sexo masculino tem histórico de obesidade na infância, e a maior incidência ocorre entre 14 e 18 anos. O ambulatório presume que a cada dez pacientes com anorexia, um seja homem.

Nos últimos anos, outro levantamento recente, do Ministério da Saúde, mostra um crescimento expressivo na procura por ajuda: o número de atendimentos para anorexia passou de 352 para 683 entre 2020 e 2024, mostrando que mais pessoas estão buscando tratamento, embora a rejeição ainda seja grande entre os homens.

João Bosco Lourenço Durão de 21 anos, natural de Goiânia, conhece bem o peso da doença. Ele viveu, durante a adolescência, um dos momentos mais difíceis de sua vida. Tudo começou após uma simples pesagem de farmácia que revelou grande diferença em seu peso: “Percebi que algo estava errado quando comecei a perder o prazer de comer. Passei a me alimentar apenas uma vez por dia e, com 1,92 metros de altura, cheguei a pesar 64 quilos”, conta.

Segundo João, o início do trans-

torno foi motivado por comparações e pressão estética. “A comparação foi o principal gatilho. Eu me olhava no espelho e não gostava do que via. Comecei a seguir dietas extremamente restritivas e perigosas, sem qualquer acompanhamento médico. A perda de peso foi desenfreada.”

O jovem lembra que, durante a fase mais crítica, chegou a evitar o convívio social por vergonha da própria aparência. “Me sentia julgado o tempo todo. Evitava sair e participar de eventos com amigos”. A vergonha e o medo do julgamento o impediram de pedir ajuda. Foi somente após alertas de familiares e uma consulta

peso e se enxerga com excesso de gordura, mesmo estando muito magra”, descreve.

De acordo com ela, apesar dos sinais entre homens e mulheres serem semelhantes, há particularidades que se destacam. “Os homens costumam manter uma aparência mais tonificada, resultado do uso de suplementos e exercícios físicos intensos, o que mascara o quadro clínico. Eles acreditam que estão cuidando da saúde, quando, na verdade, estão restringindo alimentos de forma perigosa”, explica a professora.

Entre os sinais de alerta estão a perda de apetite, a contagem obsessi-

“ Percebi que algo estava errado quando comecei a perder o prazer em comer e passei a me alimentar apenas uma vez por dia

JOÃO BOSCO DURÃO

médica que o diagnóstico veio. “Fui instruído a adotar uma nova dieta alimentar para ganho de peso. Eu preferia não tocar no assunto com pessoas próximas, até por achar que aquela situação era normal. Apesar de tudo fiz meu processo de recuperação em silêncio”, lembra João, que hoje está recuperado.

## SINAIS

A doutora em nutrição Maria Sebastiana Silva, professora associada da Universidade Federal de Goiás (UFG), explica que a anorexia afeta diretamente o comportamento alimentar e a percepção de si mesmo. “A pessoa com este transtorno apresenta uma preocupação exagerada com o

va de calorias, fraqueza, sonolência, a procura exagerada por academias e o uso de suplementos para aumento da massa magra, além da substituição de refeições por líquidos e o emagrecimento rápido. “Esses comportamentos devem ser observados com atenção, principalmente entre os familiares de adolescentes”, reforça Sebastiana.

Os efeitos, não somente mentais, mas também físicos e nutricionais da doença podem ser severos. As deficiências nutricionais comprometem o crescimento e o desenvolvimento físico e cognitivo no caso de pessoas mais jovens, como igualmente reduz o rendimento escolar. Isso tudo em meio a propensão a hipovitaminoses, hipoglicemia, distúrbios de humor e risco de morte precoce.

Na era do culto ao corpo, a pressão social e estética por magreza, definição e músculos é apontada como um dos fatores que alimentam o desenvolvimento da anorexia masculina. O ideal de “shape perfeito”, disseminado nas redes sociais, leva muitos a adotarem estilo de vida com comportamentos de risco. “As dietas extremas [...] são gatilhos importantes, e os influenciadores fitness acabam agravando esse cenário”, explica a profissional.

## TRATAMENTO

O tratamento deve ser multidisciplinar, com acompanhamento de psiquiatra, psicólogo e nutricionista. “A reintrodução alimentar precisa ser feita de forma gradual, e o apoio da família e dos amigos é essencial para o sucesso da recuperação. O tratamento nutricional precisa ser adaptado às necessidades nutricionais - de acordo com o gênero - às condições fisiológicas e patológicas, além de respeitar as preferências alimentares e as questões sociais, ambientais e econômicas de cada um”, reforça a professora Sebastiana.

Hoje, recuperado, João comemora sua superação. “Estou me alimentando bem e da forma que meu corpo necessita [...] com uma boa saúde geral, mas ainda tenho receios de comer alimentos ricos em calorias, pelo medo de engordar muito. O que mais me ajudou foi o desejo de voltar a sentir prazer em comer.” Ele acredita que falar sobre o assunto é fundamental para quebrar o silenciamento em torno da doença. “Tudo isso contribui para inspirar outros homens a procurarem ajuda. Não é vergonha admitir que algo está errado. A vulnerabilidade também faz parte da vida”, finaliza.

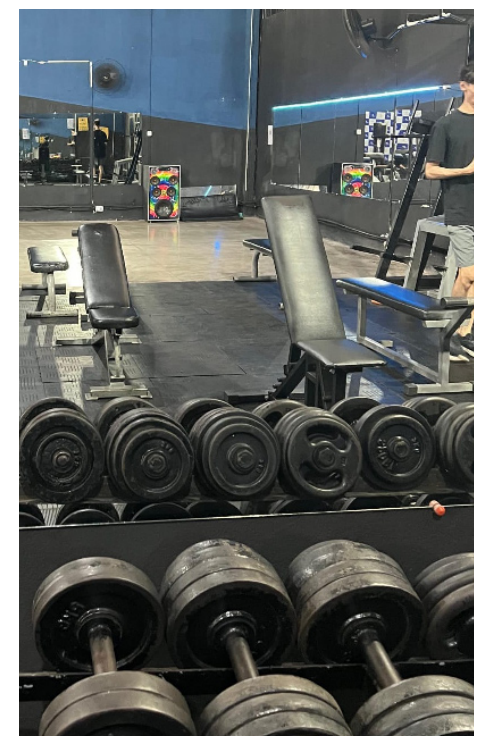


Foto: Elle Carvalho

Exercícios em exagero é sintoma.

# “NO MEIO DO CAMINHO, TINHA UM LIVRO”

## DESAFIOS FRENTE À UMA QUEDA DE LEITORES NO BRASIL

REPORTAGEM Raul Modesto e  
Valto Leão  
EDIÇÃO Elle Carvalho

O hábito de leitura é um dos atos mais simples e, ao mesmo tempo, mais transformadores da experiência humana. Apesar dos esforços de instituições públicas e privadas para incentivar o contato com os livros, o Brasil se encontra em um grande embate quando o assunto é a formação de leitores. Dados recentes indicam que o país enfrenta uma crise intelectual: há cada vez menos pessoas que praticam a leitura.

Lançada em Novembro de 2024, a 6ª edição da pesquisa “Retratos da Literatura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL), confirma que pela primeira vez, desde o início

Para Aldir Donizeti, autor de livros como “Reflexões que Constroem”, a queda no número de leitores poderia ser explicada por uma falta de incentivo e esclarecimento da importância da literatura na vida de uma pessoa. Para ele, o maior obstáculo no ramo literário é a substituição da prática da leitura por atividades imediatistas e menos engajantes, como navegar nas redes sociais.

Segundo o escritor, a conscientização da importância da leitura é somente alcançável através de um esforço social. “Esse incentivo precisa vir do lar, da escola, da exigência e monitoramento de órgãos educacionais que se empenham e auxiliam a sociedade.”

Aldir também tece críticas às redes sociais: “Tinham o potencial para serem esclarecedoras e explicativas da realidade, mas o que vemos é um local coberto de interesses escusos”. Para ele, o potencial desperdiçado das redes sociais de trazer maiores esclarecimentos se traduziu de forma negativa para as pessoas.

A falta de incentivo é vista na pesquisa, com cerca de 32% dos não-leitores relatando não lerem por não gostarem da leitura e 71% dos entrevistados afirmando que não tiveram

“ Acredito que o mercado literário não se restringe somente à um aspecto da sociedade, ele depende da mídia, da educação, do conhecimento e do interesse governamental de construir uma sociedade equilibrada e consciente dos seus valores e virtudes. ”

**ALDIR DONIZETI**  
Escritor

de seus levantamentos em 2007, a taxa de brasileiros não-leitores superou a taxa de leitores. A constatação foi feita após a realização de 5.504 entrevistas domiciliares.

As entrevistas, realizadas face a face por meio de um questionário de 147 perguntas em 208 municípios brasileiros, levantaram algo surpreendente: 53% dos entrevistados são classificados como “não-leitores”, nome utilizado pela pesquisa para se referir a entrevistados que declararam não terem lido nenhum livro, ou parte de um livro, nos três meses anteriores à entrevista.

### INTERNET

nenhuma influência dos pais para ler.

O impacto das redes sociais foi um dos novos temas na 6ª edição da pesquisa. No levantamento, 87% dos entrevistados leitores e 78% dos não-leitores responderam que sempre preferem passar seu tempo livre usando a internet, com 36% mencionando o uso de redes sociais como uma das atividades mais realizadas. Somente 37% dos leitores responderam que preferem gastar as horas livres lendo livros, físicos ou digitais.

A pesquisa destaca que em entrevistados que relatam dificuldades na leitura, 26% informaram não ter paciência para ler, sendo esta a segunda resposta mais relatada, perdendo



Foto: Secom, São Paulo

Pesquisa mostra um distanciamento do país com o hábito de leitura.

apenas para 38% que mencionaram não possuir dificuldade. Entretanto, a pesquisa destaca que o número de entrevistados que não apresenta dificuldade para ler diminuiu em 10% desde 2007.

Outro item da pesquisa revela que entre 2007 e 2024 houve um crescimento de 7% de brasileiros que relataram não ter concentração suficiente. Outros 36% dos entrevistados também mencionaram possuir essa dificuldade, além de outras como ler muito devagar e não compreender o que está lendo.

Thiago Marinho, universitário e leitor desde os 10 anos de idade, também comenta o impacto negativo das redes sociais em seu hábito de leitura. Segundo Thiago, o acesso imediato a conteúdos midiáticos afetou sua capacidade de concentração, especialmente no momento de parar suas atividades rotineiras para ler um livro.

Para Thiago, se houvesse um incentivo de amigos, leituras compartilhadas e um tempo fora das telas, ele teria mais facilidade para cultivar sua leitura e manter este hábito vivo.

### ROTINA

As redes sociais ganharam destaque entre os principais motivos para a falta de hábito de leitura, mas outro fator também cresceu: a falta de tempo. Isaac Vicente, residente jurídico e um leitor ávido, destaca o impacto negativo que as redes trouxeram para seu hábito de leitura, porém considera que estas não são o que mais o afetam e, sim, a falta de tempo, motivo também dado por 46% dos leitores e 33% dos não-leitores entrevistados pelo IPL.

Rodrigo Soares, universitário que não se considera um leitor, relatou algo parecido. “Já tive o hábito de ler, mas hoje em dia leio as demandas da faculdade/serviço, então não tenho muito tempo para fazer leituras independentes”. Segundo Rodrigo, embora

as redes sociais tenham afetado um possível reinício no hobby de leitura, a coisa que mais o impede de ler livros é a falta de tempo livre na sua rotina.

Este é um problema que ganhou destaque em debates no país, sendo um dos principais motivadores para os protestos à favor do fim da escala de trabalho 6x1. Janes Pereira, servidora pública que também não se considera uma leitora, relata suas dificuldades. “Saio para trabalhar de manhã, volto de noite e ainda tenho que fazer janta, terminar qualquer pendência do dia e só depois tenho tempo de pensar em ler algum livro”.

Janes fala que sempre deixa seus hobbies para o fim de semana. “Fazer qualquer coisa durante a semana é muito difícil, você não tem tempo fora do trabalho e, quando tem, está cansado demais para levantar um dedo”, afirma. São muitos os problemas que poderiam explicar a queda no número de leitores. Desde a falta de incentivo até a constante presença das redes sociais além da falta de tempo na rotina, problemáticas também levantadas na pesquisa do IPL.



Imagem: Ascom SENAC

Falta de tempo é um grande obstáculo.

# BRASIL OMITIDO NO ENSINO

## A HISTÓRIA DOS POVOS TRADICIONAIS FORA DAS SALAS DE AULA

REPORTAGEM Leticia Romani e  
Gustavo Gomes  
DIAGRAMAÇÃO Arthur Gabriel

A lei que torna obrigatório o estudo da história afro-brasileira e indígena é ignorada, silenciando os saberes dos povos que fundaram as raízes do Brasil.

A transmissão de saberes é uma das formas de resistência que os povos tradicionais possuem, a fim de garantir a continuidade de sua cultura e ancestralidade. Esse conhecimento, concentrado majoritariamente na prática oral, é repassado entre gerações para que os povos tradicionais preservem sua história. A Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, ainda não tem plena legitimidade na realidade atual do país.

O conhecimento em torno dos saberes ancestrais ainda precisa chegar até as instituições de ensino brasileiras, para que os estudantes da nação entendam a formação cultural do Brasil. “Na escola nós aprendemos por anos sobre os Maias, Incas e Astecas, que são inegavelmente importantes, mas onde estão os Kalunga, as quebradoras de coco, a agricultura familiar? Nós precisamos entender nosso povo para defender nossa história”, pontua Luiz Carraza, Secretário Executivo da Central do Cerrado.

Essa concentração de conhecimento permite não só que os estudantes

compreendam as raízes da formação do Brasil, mas também que aprendam a importância de defender os povos originários, bem como apoiar a luta pela preservação da biodiversidade.

Para que essa prática educacional seja efetiva, é necessário que ocorra um atravessamento desses saberes no sistema de educação brasileira para que os mesmos sejam valorizados em sua singularidade. A mestra Lucely Barros discute o valor dos conhecimentos ancestrais: “As pessoas precisam compreender que o saber dos mestres e mestras, o conhecimento dos terreiros e dos povos tradicionais, é tão válido quanto os conhecimentos acadêmicos.” Lucely argumenta que essa presença e participação acadêmica é essencial para que os povos sejam vistos e, conseqüentemente, inseridos também em políticas públicas. Ela enfatiza a necessidade da pluralidade no ambiente educacional que seja capaz de promover representatividade e construir debates valiosos.

### VIVÊNCIA

Para além da importância de abordar os saberes e a história dos povos originários no campo educacional, é essencial pautar quem está à frente no cargo de docência. Fatinha do Jongu, importante mestra griô que dedica sua vida à preservação e transmissão do jongo, uma manifestação cultural afro-brasileira, afirma: “Só através da educação e do conhecimento é que entendemos o que foi a vida do nosso povo, que procura a liberdade desde o princípio de sua existência nesse país até hoje”.

Ele relata que para que esse conhecimento seja eficiente e tenha concretude no imaginário social brasileiro, é preciso que a história seja contada por quem realmente a carrega: “A história dos povos tradicionais foi contada por outros, sua fé ressignificada, seus corpos e jeitos de existir, tudo contado e



Kalungas em celebração tradicional na Chapada dos Veadeiros

transformado por outros. Aqui, nós exigimos ser sujeitos de nossa própria história”.

### LEGADO

O conhecimento da tradição oral se expande e se torna base para a construção de saberes em torno da preservação da biodiversidade e para a formação de produções sustentáveis, permitindo que a sociedade compreenda não só a história de formação e ocupação de seu território, mas também os costumes não predatórios. Makota Kidoialê, docente de saberes tradicionais na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), retém e compartilha os ensinamentos de seus ancestrais: “Com eles aprendi o poder das plantas que a natureza nos dá, somos irmãos das ervas, chás e banhos, é isso que nos torna humanos. Para que existam as plantas, é preciso existir território e respeito dentro dele”, afirma.

Makota pontua que o respeito pela integridade do território é uma ação conjunta e compartilhada: “damos comida para o nosso povo com o que produzimos. Mas o povo só é alimentado quando existe terra, o primeiro território que defendemos é o nosso corpo, o segundo é nossa terra”, finaliza.

“Meu pai sempre me dizia que tinha medo de morrer sem deixar legado, eu sempre falei pra ele: só não deixa legado quem não ensina o que sabe”

### MARIA DE FÁTIMA DA SILVEIRA

Presidente do Centro de Referência de Estudo Afro do Sul



Crianças acompanhando apresentação de brincadeiras Kalunga

# DOÇARIA, MEMÓRIA E TRADIÇÕES

**HISTÓRIA QUE  
ATRAVESSAM  
GERAÇÕES  
E CONTOS NA  
CIDADE DE GOIÁS**

REPORTAGEM Ana Beatriz Serafim  
e Maria Eduarda Siqueira  
EDIÇÃO Whinderson Tallys

Na Cidade de Goiás, tradição e memória caminham lado a lado. Para algumas famílias, como os Curado, a doçaria artesanal é mais que um ofício: é um elo com o passado, uma forma de transmitir história, valores e afetos. Entre alfenins, fogões a lenha e celebrações centenárias, netos e bisnetos mantêm viva a identidade cultural de uma cidade que, mesmo pequena, carrega séculos de história.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o (IBGE), no Censo de 2022 a Cidade de Goiás registrou uma população de 24.071 habitantes. Esses números reforçam seu caráter, características que favorecem a preservação das tradições locais, o convívio entre gerações e a transmissão cultural em profundidade.

A tradição doceira da família Curado começou com Sílvia da Silva Curado, conhecida na cidade pelos alfenins, um doce moldado à mão, feito com açúcar, polvilho, água e gotinhas de limão. De origem árabe, trazida por portugueses durante a colonização, a receita ganhou identidade local e hoje símbolo da doçaria da Cidade de Goiás.

Para a neta, Ana Terra Curado da Rocha, que ajuda a organizar encomendas online, o trabalho artesanal

é também uma lição de vida: “É um trabalho que exige força, habilidade manual e amor. A calda é quente, o doce precisa de ponto certo e muita prática. Não é só receita, é corpo e memória.”

Para a neta, Ana Terra Curado da Rocha, que ajuda a organizar encomendas online, o trabalho artesanal é também uma lição de vida: “É um trabalho que exige força, habilidade manual e amor. A calda é quente, o doce precisa de ponto certo e muita prática. Não é só receita, é corpo e memória.”

## HISTÓRIA

As tradições religiosas também desempenham papel central. Apesar de não seguir nenhuma religião específica, a neta participa da Semana Santa em respeito à avó, devota do Espírito Santo. Outro evento marcante é o Festival Internacional de Cinema Ambiental, o FICA, onde já expôs suas fotografias.

As diferenças culturais entre a capital Goiânia e a Cidade de Goiás são notáveis. Enquanto na capital as pessoas são mais apressadas, em Goiás, o ritmo é mais tranquilo e o respeito às tradições, maior. A avó, por exemplo, insiste que o alfenim seja vendido do jeito que sempre foi feito, sem alterações no formato, ensinando que certas tradições devem ser preservadas. “Ela diz: ‘é o doce do jeito que eu faço e pronto!’”, conta a neta, rindo.

Além das tradições culinárias, os ensinamentos da família refletem valores de união e convivência. “Minha avó sempre dizia: respeite os mais velhos e não vire arroz de festa. Mesmo com dez filhos e diferenças de opinião, todo mundo se reúne na Semana Santa, no Natal e no Ano Novo. É o momento em que a gente volta pra casa e lembra o que nos une.”

A cidade, no entanto, não se resume à memória familiar. Para o pro-



Dona Sílvia Curado de 60 anos modulando um alfenim manualmente.

Foto: Ana Terra Curado

“ São duas tradições diferentes, mas que representam bem a cidade: o sagrado e o artístico, convivem lado a lado. ”

## ANA TERRA CURADO DA ROCHA Fotógrafa

fessor Rildo Bento de Souza, da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, a preservação cultural em Goiânia depende da valorização das memórias individuais e coletivas. Segundo ele, a cidade, criada na década de 1930, não possui identidade própria consolidada, sendo um mosaico de culturas vindas do interior goiano e do Nordeste. “Culturalmente, Goiânia é múltipla. Não existe uma cultura goianiense única. Há festas maranhenses, tradições afro-goianas, ternos de Congo e Congadas. São essas memórias coletivas e individuais que mantêm viva a diversidade cultural da cidade”, afirma.

O crescimento urbano e a modernização, no entanto, apresentam desafios. A narrativa dominante da capital muitas vezes privilegia certos símbolos, como o sertanejo, apagando outras expressões culturais, como o hip hop, o rock e o teatro de rua. A história oral, segundo Rildo, é essencial para recuperar experiências que não estão nos registros oficiais, seja em tragédias como o desastre do Célio-137 ou nas tradições afro-brasileiras.

Bairros como Campinas e cidades próximas, como Trindade, Pirenópolis e Caldas Novas, preservam manifestações populares que dialogam com a modernidade da cidade. O professor ressalta a importância do ensino de história regional e visitas a museus, como o Museu Antropológico da UFG, o Memorial do Cerrado e o Museu Pedro Ludovico, para que os estudantes construam um sentimento

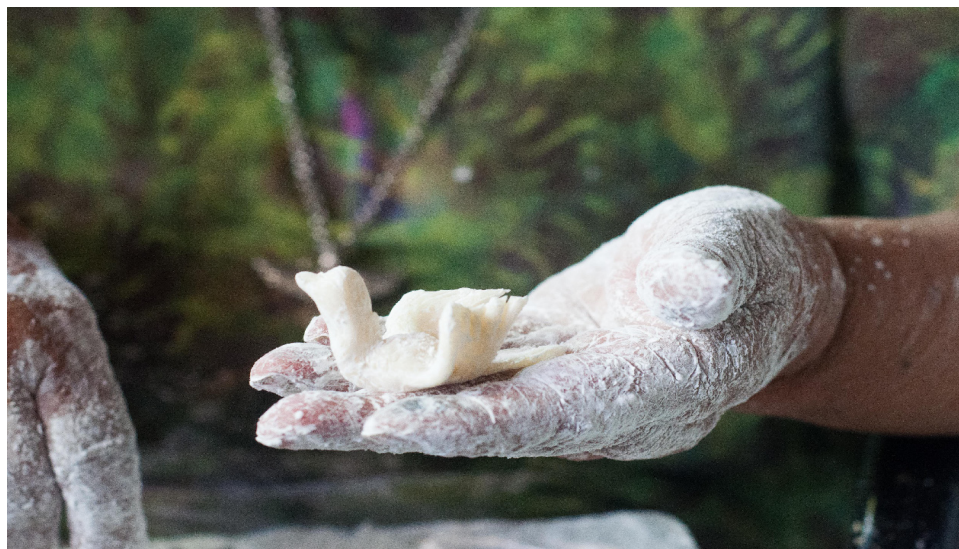
de pertencimento e reconheçam sua identidade cultural.

Essa troca entre interior e a capital mostra como a cultura goiana se constrói em movimento, entre o urbano e o tradicional. Enquanto nas grandes cidades as influências externas transformam hábitos e expressões, é nas pequenas comunidades e nos bairros históricos que se mantém viva a essência das manifestações populares. Essa convivência entre o novo e o antigo cria um elo que reforça a identidade coletiva e garante que costumes, sabores e saberes sigam sendo transmitidos, adaptando-se sem perder as suas raízes.

Essa convivência entre o novo e o antigo cria um elo que reforça a identidade coletiva e garante que costumes, sabores e saberes sigam sendo transmitidos, adaptando-se sem perder as suas raízes.

Se por um lado Goiânia simboliza a modernização e o dinamismo urbano do estado, por outro, a Cidade de Goiás preserva com delicadeza as marcas do passado. É nesse equilíbrio entre a capital em constante transformação e o interior que resguarda tradições que a cultura goiana encontra sua força.

Entre doces moldados à mão e festividades seculares, a Cidade de Goiás mostra que tradição, memória e identidade cultural não estão apenas no passado, mas se renovam a cada geração. Para famílias como os Curado, preservar o sabor da história é mais do que uma arte: é um compromisso afetivo com a memória da cidade.



Dona Sílvia Curado segura um alfenim após ser produzido com cuidado.

Foto: Ana Terra Curado

# DESIGUALDADE NO ACESSO AO ESPORTE

PODER PÚBLICO AINDA  
NÃO DEMOCRATIZA  
ESTRUTURAS  
ADEQUADAS PARA  
PRÁTICAS ESPORTIVAS

REPORTAGEM Arthur Gabriel e  
Rhaissa Portela  
EDIÇÃO Fernanda Luz

Jogar bola na rua com os pés descalços é uma das lembranças mais comuns e vivas no imaginário da infância de muitos brasileiros. Isso ocorre devido à formação cultural gerada pelo esporte no Brasil, que muitas vezes se dá de forma espontânea. Francisco Netto, de 10 anos de idade, morador do setor São José, em Goiânia, costuma jogar futebol na rua de sua casa e sonha em se tornar um jogador. Ele é um exemplo de milhares de crianças que tiveram a infância construída pelo esporte.

“Praticar esporte é muito importante pra mim. Gosto de me divertir com os amigos e meu sonho é ser um famoso jogador de futebol”, relata Francisco. É fato que o esporte atravessa a vida humana, podendo ser uma ferramenta de transformação em termos sociais e de saúde. Porém, o Brasil ainda possui um retrato de desigualdade de acesso à prática esportiva com qualidade e conforto.

Segundo o estudo Holding Novo Outdoor Social, 47% dos moradores de comunidades e bairros periféricos brasileiros dizem não ter como pagar pelo acesso à atividade física e 41% sentem-se inseguros em praticar esportes nas proximidades de onde moram. “As ruas têm muitos buracos que machucam o pé. Os carros em alta velocidade também são um perigo”, afirma Francisco.

## SAÚDE

Além da diversão, a prática esportiva é uma grande aliada para a saúde e bem-estar da criança, uma vez que ele permeia as fases de crescimento e desenvolvimento físico e mental. Benedito de Assis, médico pediatra, aponta diversos benefícios das práticas físicas no período da infância: “A prática esportiva aumenta a capacidade cardíaca e pulmonar, amplia a sensibilidade, a percepção, o raciocínio lógico e, além disso, fortalece a saúde emocional da criança, que é tão importante para o desenvolvimento do ser humano”.

Diante dos benefícios presentes no

desenvolvimento físico-social e mental de crianças que vivem em instabilidade econômica, Benedito ainda ressalta que é de extrema importância levar em conta que a criança deve escolher a prática esportiva com a qual mais se identifica. Benedito afirma que o potencial de desenvolvimento da criança é baixo quando pratica um esporte que não desperta interesse algum.

O pediatra também afirma que as crianças que não possuem acesso ao esporte são prejudicadas principalmente em relação ao desenvolvimento. Benedito diz que a prática de esporte sem supervisão também é um problema. A criança em vulnerabilidade, não supervisionada, corre risco de graves acidentes e desvio de comportamento. Outro prejuízo é a formação de costumes inadequados de sedentarismo e a má alimentação, que podem resultar em obesidade ou outros problemas de saúde.”

## ESPORTE

A realidade do acesso ao esporte na cidade de Goiânia também enfrenta problemas. Uma pesquisa de 2023, desenvolvida na Universidade Estadual de Goiás (UEG),

“

O esporte educa, e tira muitas crianças das ruas, melhorando um problema social que enfrentamos cotidianamente

”

**RODRIGO LIMA**

Professor de Educação Física

aponta um cenário em que a cultura e o lazer nos bairros periféricos da cidade funcionam como uma espécie de contenção da criminalidade.

Contudo, o estudo também confirma que existem políticas públicas que incentivam o esporte e o lazer, mas ainda não são totalmente efetivas por conta da ausência de fiscalização, cuidado, orientação de profissionais e projetos de iniciação esportiva em espaços públicos que se deterioram com o tempo. Isso coloca jovens e crianças de baixa renda, muitas vezes, distantes do direito ao lazer e alheios às transformações promovidas pelo esporte.

Rodrigo Lima, educador físico, conta que se deparou com um cenário em que o incentivo ao esporte em regiões periféricas é quase nulo: “Muitas vezes acaba-se dependendo da participação e do empenho de um professor de educação física para a elaboração de projetos sociais, visando a melho-



Foto: Rhaissa Portela

Meninos brincam e jogam bola nas ruas e calçadas do Setor São José.

ria das crianças e jovens envolvidos.”

O professor também afirma que há impactos significativos para uma criança que não tem acesso ao esporte, como a falta de socialização e disciplina, que são valores que o esporte oferece aos seus praticantes.

O secretário de esporte e lazer Luiz Alberto Bites diz que Goiânia tem desenvolvido polos esportivos, nesses locais são oferecidas várias atividades, desde iniciação esportiva, ballet, dança, ginástica, tênis de mesa e lutas. Luiz afirma que a

utilizados tanto para esportes, lazer e eventos sociais para as comunidades locais, bem como estruturas esportivas que nos possibilitem buscar campeonatos nacionais e internacionais para o município de Goiânia.”

## PROJETOS

No estado de Goiás, existem projetos sociais que visam gerar oportunidades para crianças e jovens da periferia, colaborando com a formação sócio-esportiva. O projeto “Passaporte da Vitória” é um dos mais conhecidos, sendo gerido pelo Instituto Léo Moura, que atende mais de 4 mil crianças e adolescentes nos bairros vulnerabilizados do município.

Esse tipo de iniciativa é importante para que as práticas esportivas possam ser mais democratizadas e difundidas no cenário goiano. Francisco Netto participa de um projeto social semelhante, chamado “Esporte: Vida Sem Fronteiras” em que pratica futebol 2 vezes na semana.

Entretanto, ele afirma que gostaria de praticar outros esportes também, mas ainda não existem oportunidades acessíveis: “Tenho vontade de aprender basquete e vôlei. Mas é bastante difícil, porque quando aparece a oportunidade, acaba sempre ficando muito longe da minha casa.”



Foto: Rhaissa Portela

Bola no pé, raízes do futebol.

# ARTE CIRCENSE: DAS RUAS AOS PALCOS

ENTENDA A  
TRADIÇÃO  
QUE UNE  
ARTE E  
CIDADANIA

REPORTAGEM: Karini Castro e Sarah Souza  
EDIÇÃO: Maria Eduarda Siqueira

Colorido, emocionante, vibrante, o circo é uma das manifestações artísticas mais antigas da história. Através dos palcos a arte circense se torna um símbolo de integração, aprendizagem e cidadania. Como arte criada há mais de 4 mil anos, em várias civilizações do mundo, como Grécia, China, Egito e Índia, a arte circense conta histórias que representam o significado do circo.

Desde o surgimento do circo moderno, no século XVIII, com Philip Astley, o circo veio se resignificando gradativamente, unindo arte e diversidade. Hoje, mais que apresentações, o picadeiro é um espaço de pertencimento não apenas dos artistas, mas também do público que se conecta com as formas de expressão por meio da música, teatro, dança, acrobacias, malabares, palhaçaria e todas as formas de arte.

“O circo é como se fosse uma segunda casa pra mim. É um lugar de refúgio”, afirma a aluna e monitora do Circo Laheto, Juliana Vieira. Há quase três anos, o circo faz parte da sua vida, e através das suas experiências, aprendeu a praticar algumas modalidades como, lira, perna de pau, sonoplastia, além de se desenvolver emocionalmente. “Eu sou uma pessoa que pensa muito e o circo me ajuda a esquecer cada problema meu”, relata Juliana.

O circo não é apenas entretenimento, mas também um exercício da cidadania. A arte pode ser representada de diversas formas em diversos cenários. O circo Laheto está há três décadas sendo referência no trabalho social, em Goiânia. O projeto ajuda crianças e adolescentes de escolas públicas parceiras, usando a arte circense como meio de transformação.

“O foco do circo social é o trabalho com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e através da arte, não só da arte, mas de vários outros elementos que compõem e norteiam esse trabalho de jovens e crianças que tem potência, protagonismo, que tem voz e que podem transformar a realidade por meio da arte circense”, afirma Nina Leles, coordenadora pedagógica do projeto.

O trabalho é realizado em parceria com as famílias, com os professores, a coordenação das escolas parceiras e com a Secretaria Municipal de Educação (SME). As atividades acontecem às terças, quartas e quintas-feiras, oferecendo oficinas de perna de pau, acrobacias de solo e aéreas, malabares, teatro e encontros com psicólogos, que auxiliam o desenvolvimento coletivo.

A arte tem o poder de transformar vidas, e o espaço das apresentações circenses pode proporcionar uma carreira profissional para quem deseja seguir a carreira de artista muito além das lonas.

Nina Leles reforça a importância da valorização cultural. “A sociedade ainda precisa entender o que é o circo. A arte de uma forma geral é muito desvalorizada, um artista é um profissional como qualquer outro, mas é sempre muito marginalizado. (..) O circo é plural, polifônico e rizomático”.

## INDEPENDENTE

Entre malabares, acrobacias, dança e alegria, artistas independentes se reinventam levando a arte do circo consigo por onde passam. Sem insti-



Apresentação - Circo dos Amores Impossíveis (no Circo Laheto).

Foto: Karini Castro

“ O circo ajuda a desenvolver o caráter humano, levando valores para a sociedade

”

**RENERSON EDUARDO**  
Professor do Circo Laheto

tuições fixas, esses profissionais levam suas apresentações através de diversos meios, das performances nas ruas às redes sociais, passando por festivais e apresentações selecionadas por editais públicos. O grupo Du Cafundó utilizou o Serviço Social do Comércio (Sesc) como instituição para levar sua arte ao público.

Os grupos se preparam por muito tempo para se apresentarem em eventos como o “Palco Giratório” que foi promovido pelo Sesc. “O Sesc indica um grupo no estado inteiro, ele vem para a curadoria do Brasil inteiro. Acontece de um grupo vir e participar, mas quase nunca subsequente, então, muitas vezes, é uma oportunidade única para os grupos”, explica Jonatan Pontes, membro do grupo Du Cafundó.

Apesar das dificuldades, Jonatan e Edivaldo expressam como valorizam a disseminação da arte do circo como forma de conexão com o público. “Do texto as libras em cena, o resto a gente não fala, é só a expressão corporal e a música. Então, é muito mais, eles ampliam o campo do imaginário sobre o que eles estão vendo e como eles traduzem o que estão vendo e é bom, porque eles participam”.

Para artistas independentes a instabilidade de financiamento faz parte da realidade. Esses profissionais enfrentam desafios como a desvalorização da arte, deslocamento, invisibilidade e espaço. Muitas vezes, ficam muito tempo sem trabalho devido a falta de oportunidades e investimentos no setor cultural.

A arte circense está presente em diversos contextos, desde a formação social, passando pela carreira independente, até a educação institucionalizada. A Escola do Futuro em Goiás, Basileu França, funciona como espaço de ensino da arte circense em Goiás. A instituição oferece curso técnico na arte do circo, para alunos que se inscrevem por meio do edital. Após o processo seletivo, os estudantes têm aula na lona que se encontra no pátio da faculdade de engenharias da UFG, com horários e níveis variados.

“A arte circense auxilia no desenvolvimento pessoal, porque ele desenvolve coordenação motora, trabalho em equipe, preparação física e no desenvolvimento social através da difusão da arte, porque a arte que faz do ser humano, humano”, afirma a coordenadora do curso técnico em artes circenses do Basileu França, Lua Barreto.

A arte é vista neste espaço como forma profissionalizante de jovens artistas que desejam fazer da arte circense uma carreira. Os alunos do curso têm a oportunidade de se apresentarem no espetáculo de fim de ano que acontece no Teatro Basileu França que é aberto ao público.

A magia do circo está em todos os lugares, das ruas aos palcos, os lugares de formação, ensinamento e propagação dos saberes são múltiplos. Embora a cultura ainda seja, em muitos aspectos negligenciada e inviabilizada, a arte permanece como uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação social.



Apresentação no Sesc- Combinando com Cerrado (grupo Du Cafundó)

Foto: Karini Castro

# SEGURA ESSA POSE PRA MIM

UM CONTEXTO SOBRE  
A CULTURA DE BAILES  
E SEUS REFLEXOS  
NA CENA  
GOIANIENSE

REPORTAGEM Ariel Campos  
EDIÇÃO Ana Beatriz Serafim

A cultura de bailes - do inglês ballroom culture - ou simplesmente como é mais conhecida, a cultura ballroom, é uma subcultura queer fundada em meados da década de 70, nos Estados Unidos por pessoas trans e negras nova-iorquinas. A cultura promove eventos chamados de balls, ou bailes, nos quais são abertas categorias para que as pessoas possam performar competitivamente.

Dentro dos bailes as categorias são variadas, indo desde performances dançantes até modelagem. Inde-



Makayla Sabino performando durante o rollcall da ball Salve o Cerrado.

vimentação mais feminina, o vogue fem, que se tornou o estilo mais conhecido da cultura.

Mas não é apenas de bailes e performances que a cultura se mantém viva. Foi na ideia de acolhimento e recebimento de pessoas marginalizadas que também nasceram as casas ou houses. A tradição de casas consiste na formação de famílias compostas por pessoas escolhidas em uma organização não patriarcal, que ficam sob os cuidados de mothers (mães) e fa-

se estabelecido principalmente por pessoas que compõem casas.

A cena goiana conta, em especial, com capítulos - divisões regionais de uma casa - que contribuem para construir a cena local. Uma casa que vêm tendo destaque dentro e fora do estado é a Casa de Arapô, também foi fundada em solo regional pelas Mothers Andreza Maldita de Arapô e Acácia Bendita de Arapô.

“Duas semanas depois de eu chegar aqui, a Acácia me mandou mensagem. Eu não sabia o que era a ballroom e eu ainda pensava ‘vou ter irmãs? como assim?’, explica Anthony sobre a sua vinda para Goiás e complementa: “Foi quando eu entrei na casa que eu comecei a falar sobre ball.”

Anthony nasceu e cresceu em Salvador, Bahia. Se mudou em busca de trabalho e para cursar licenciatura em Dança, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Já de início teve contato com a Casa de Arapô e, em um mês em Goiânia, já morava com a família Arapô. Conta que ver pessoas da cena e da própria casa performarem deixou ele interessado: “ver as pessoas caminhando motiva demais a estar”, comenta. Anthony caminhou pela primeira vez em um baile pro-

thers (pais), muitas vezes para substituir a falta de ambientes familiares bem estruturados ou até negados.

E é nessa linha de pensamento que conseguimos falar sobre a cena goiana, uma cena historicamente composta de casas. Afinal, conforme o Príncipe Anthony ‘Pitbull’ Maltido de Arapô afirma: “Foi quando eu entrei na casa que eu comecei a falar sobre ball”.

## CAMINHOS

No contexto brasileiro, a cultura de bailes começou a se estruturar em 2015 com a fundação da House of Hands Up por Eduarda Kona Zion, em Brasília, Distrito Federal. Em Goiás, no entanto, a primeira casa foi fundada em 2017 e nomeada de House of A'Trois. Desde então, a comunidade de bailes goiana tem

movido pela House of Mamba Negra e conta que ser bem recebido após a performance o motivou muito, principalmente para ser uma referência para os homens trans da cena.

O mesmo foi para Kiara Conrado, membro da Casa de Arapô. “A primeira vez que eu caminhei foi na Pink Revolution, da House of Cyclone. Além de eu ter caminhado na categoria de baby vogue, categoria para iniciantes, eu também fui anunciada pela minha casa nessa ball”. Kiara compartilha que iniciou seu processo de transição enquanto se aprofundava no universo da cultura de bailes e que isso foi um marco importante para se reconhecer enquanto uma pessoa trans; assim como concorda Alícia Pereira, vinda do interior goiano para a capital e que atualmente performa como 007 (de maneira independente): “a gente se identifica com mais facilidade quando vemos corpos como os nossos”.

E ainda que o acolhimento seja um ponto chave dessa conversa, os três destacam algo em comum que percebem na cena regional. “As brigas e os ressentimentos dentro da ballroom de Goiânia; esse convívio precisa melhorar no sentido de as pessoas se respeitarem mais”, destaca Anthony sobre alguns pontos de crítica da cena local. Alícia complementa dizendo que “as pessoas têm vidas e percepções de mundo diferentes, então vão existir conflitos, mas ainda assim você está entre os seus”.

E no fim, é disso que se trata, estar entre os seus. Porque bem como Kiara fala, “vivenciar a ballroom é ter um pensamento crítico diante da sociedade; a gente vive numa bolha muito acolhedora e da celebração dos nossos corpos, mas ao mesmo tempo nós somos muito violentadas fora dessa bolha”. No fim do dia, o importante é conservar o espaço para que mais pessoas se sintam celebradas.

“ A Ballroom foi feita por e para pessoas trans e negras, quem precisa da cena são essas pessoas marginalizadas pela sociedade. Eu sinto que a comunidade é pra quem precisa. ”

**KIARA CONRADO**  
Membro da Casa de Arapô

pendentemente da categoria que uma pessoa “caminhe” (compita), ela terá que ser aprovada durante a fase de “receber os 10” por uma banca de jurados selecionados que têm a tarefa de julgar ou não se a pessoa irá competir pelo grand prize (premiação máxima) daquela categoria.

Ainda que as categorias não se limitem à dançar, a parte mais conhecida da cultura de bailes é o estilo de dança vogue. O voguing nasceu dentro dos bailes e se iniciou com performances em que as caminhadas se baseavam em emular poses da revista Vogue (daí o nome), dentro de uma contagem de batidas e tempo da música; aqui surge o chamado estilo vogue old way. Eventualmente as performances começaram a agregar torções e ilusões, o que culminou no estilo vogue new way, e mais tarde um estilo que demandava uma mo-



Sodré Originária performando na categoria Face da Ball Salve o Cerrado.

Foto: Ariel Campos

Foto: Ariel Campos

# BOBBIE GOODS E LABUBU: TENDÊNCIAS GERACIONAIS

## PRODUTOS VIRALIZAM NAS REDES SOCIAIS COMO FORMA DE IDENTIFICAÇÃO PROFUNDA

REPORTAGEM Anna Júlia Moreira  
EDIÇÃO Vitória Farias

A internet tem sido um fator motivador e vitrine para exposição e engajamento de produtos. Febres como Bobbie Goods e Labubu não surgem do nada, e a indústria cultural colabora para a comercialização de arte, criando produtos vendáveis com valor afetivo para quem consome.

Os Bobbie Goods são livros de colorir com desenhos de ursinhos, cachorros e outros animais, que devem ser pintados com canetas hidrográficas específicas. De acordo com dados da Nielsen Bookscan, instituição que monitora o comércio físico e virtual do país, já foram vendidas mais de 150 mil cópias entre dezembro de 2024 e março de 2025. O valor de cada livro varia entre R\$20 a R\$30 reais, com cerca de vinte desenhos diferentes.

Os livros também prometem ajudar com sintomas de estresse e ansiedade. A jornalista Gabriela Galvão compartilha sua experiência como uma pessoa que consome o produto: “Eu vejo a pintura como um escape para o bombardeamento de informação e a velocidade que as coisas são atualmente. Então, foi uma forma de me desconectar, de limpar a minha

mente até muito mais saudável do que outras, como ficar nas redes sociais”.

Apesar da jornalista afirmar que não foi influenciada a consumir os livrinhos por conta das redes sociais, é inegável que os picos de engajamento nas mídias para a divulgação desses produtos, são acompanhadas de estratégias de marketing para alcançar os usuários.

A publicitária Maria Eduarda Limongi traz sua visão profissional sobre as estratégias utilizadas pela indústria para criar um vínculo com a comunidade. “As marcas prezam por criar um ecossistema de engajamento, que cria um vínculo com o consumidor, cria um senso de comunidade, as pessoas querem compartilhar, mostrar o Bobbie Goods dela, mostrar o Labubu super especial e raro que ela tem. Então, a principal tática deles é transformar o ato da compra em uma experiência que não para ali”, afirma a publicitária.

### FENÔMENO

Em relação ao que a publicitária diz, podemos destacar também o Labubu. O monstinho foi criado pela empresa chinesa Pop Mart em 2015, e tornou-se um fenômeno no setor dos brinquedos. Os números divulgados pela empresa mostram que as vendas chegaram em torno de R\$11 bilhões, e o boneco disparou no mercado nos primeiros seis meses de 2025. Eles também podem ser vendidos em “caixas surpresa” para manter o interesse e gerar curiosidade em quem consome.

A respeito disso, o mercado de “Lafufus”, produto falsificado, cresceu lado a lado com o produto original. Um Lafufu pode ser encontrado em lojas de departamentos online por cerca de R\$15, enquanto o Labubu



Cópia do brinquedo Labubu vendido nos comércios e feiras de Goiânia.

Foto: Anna Júlia Moreira

“ A principal tática deles é transformar o ato da compra em uma experiência que não para ali ”

**MARIA EDUARDA LIMONGI**  
Publicitária

original do modelo mais caro é vendido por mais de R\$6 mil. Além disso, uma versão em tamanho real do brinquedo foi vendida em um leilão em Pequim por US\$150.000 (cerca de R\$800 mil).

A estudante Maria Flor Ambrósio, 09 anos, se orgulha dos seus dois Labubus, e tem planos para comprar os próximos. Ela afirma ter conhecido o brinquedo pelo TikTok, plataforma digital de pequenos vídeos virais. Esse tipo de estratégia nas redes sociais faz parte do design comportamental da empresa, e traz o sentimento de pertencimento para os consumidores. Só no TikTok existem quase dois milhões de vídeos com a tag #Labubu.

A Maria Eduarda Limongi complementa que essa influência das redes sociais se torna mais evidente entre o público mais jovem, como a Maria Flor, principalmente por serem nativos digitais, e estarem na fase de construção de identidade. Segundo ela, esse público está mais suscetível a tendências e a pressão social de participar do que é popular nas comunidades. “Nessa perspectiva, os influenciadores são uma peça muito importante, porque eles validam e humanizam o produto”, diz.

### SAÚDE

O fato pode ser preocupante por

gerar um comportamento de consumo que é reforçado pelos sentimentos de validação, atrapalhando o desenvolvimento do indivíduo.

Isso quem explica é a Elisângela Moreira Borges, psicóloga e psicopedagoga. Ela também afirma que os indivíduos adquirem os produtos como uma necessidade básica de consumo e ao longo do tempo, se transformam em necessidade contínua.

De acordo com a psicóloga, a utilização desses produtos e o sentimento de fazer parte de um grupo deixa de estar vinculado à faixa etária, e passa a significar um valor que pode ser adotado em qualquer idade. “É como se a partir da adoção de determinados comportamentos e do consumo de produtos e serviços, fosse possível adquirir essas características para sempre. Então, eu começo a pôr em prática esse desejo, que já está ali concretizado através de um brinquedo, ainda mais instigado pelas empresas”, declara.

Por fim, a Elisângela assegura que os produtos podem ser aliados para alívio de ansiedade e estresse, mas que não devem ser sinônimos para substituir terapia: “Isso não pode ser minha válvula de escape, porque se não eu continuo nesse lugar de arrumar um refúgio para apagar minha ansiedade. Pode ser um aliado, mas o que realmente te traz conforto é a terapia”.



Foto: Anna Júlia Moreira

Gabriela vê a pintura como uma forma de expressão

# PETS E OS RISCOS CLIMÁTICOS

ONDAS DE **CALOR** E  
QUEDAS DE  
**TEMPERATURA**  
AFETAM A **SAÚDE**  
DOS ANIMAIS

REPORTAGEM Erick Bruno e  
Winderson Tallys  
EDIÇÃO Karini Castro

A capital goiana enfrenta dias cada vez mais quentes e secos, cenário que pode comprometer o bem-estar de cães e gatos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais da metade dos animais domésticos do mundo não recebem cuidados básicos de saúde, o que amplia os riscos de doenças, desidratação e até morte durante períodos de calor intenso.

Segundo a professora Maria Clorinda, que ministra a disciplina de Cuidados Especiais com Cães e Gatos, na Universidade Federal de Goiás (UFG), o organismo dos pets tem limitações na regulação térmica. “Os animais quase não têm glândulas sudoríparas. Eles perdem calor apenas pelas patinhas, pelo focinho e pela respiração. Quando a temperatura sobe demais, essa capacidade diminui, e o corpo entra em colapso”, explica a especialista.

Ela alerta que os primeiros sinais de superaquecimento são: ofegância excessiva, inquietação e mucosas secas. Caso o tutor não aja rapidamente, o quadro pode evoluir para desmaios, aumento da frequência cardíaca e respiratória, podendo levar à morte se não houver atendimento veterinário.

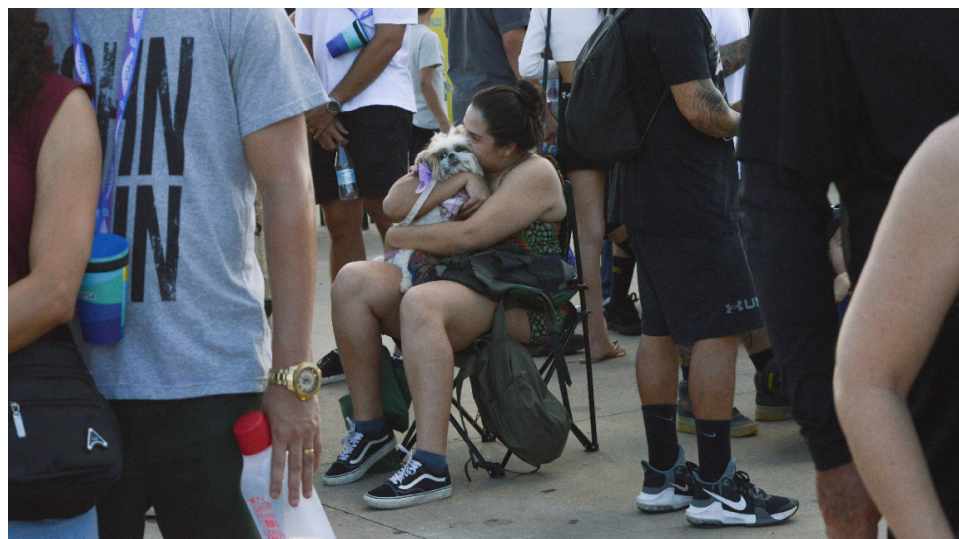
O problema é agravado pelo fato de Goiânia registrar períodos de estiagem cada vez mais longos e ondas

de calor fora de época. Além disso, as mudanças climáticas têm alterado o comportamento e a fisiologia de animais domésticos em todo o país. No calor, por exemplo, a hidratação e a ventilação adequada são indispensáveis. Já nas épocas de chuva, o excesso de umidade pode causar fungos e doenças de pele. “É essencial que os tutores ofereçam água fresca e sombra, troquem a água várias vezes ao dia e evitem passeios em horários quentes. A água pode até receber pedrinhas de gelo, e os pets costumam gostar de picolés feitos especialmente para eles”, reforça Clorinda.

Um erro comum, segundo a professora, é raspar totalmente o pelo dos animais. Embora muitos tutores acreditem que isso ajuda a refrescar, o pêlo atua como barreira natural contra o calor e os raios solares, e sua remoção completa pode causar queimaduras e desconforto térmico.

A veterinária Ana Alice Silva reforça que os tempos quentes podem gerar uma bronquite, entre outras doenças respiratórias, por conta do calor. Tanto os gatos quanto os cães fazem algumas alterações comportamentais nos períodos abafados e nos tempos de frio. “Os animais ficam mais ofegantes, procuram ambientes mais frescos para ficarem esticados, ficam inquietos. Já em tempos chuvosos é comum os animais terem problemas de pele, especialmente cães”, explica a veterinária.

Além do olhar atento diante do cenário climático de Goiânia, a médica veterinária também dá algumas dicas para sempre cuidar bem do seu animal. “É muito importante frisar a hidratação desses animais. Sempre fornecer vários potinhos de água pela casa. Para os gatos é importante ter aquelas fontes, porque o gato gosta de água corrente. Além disso, ter locais mais frescos e ter o ambiente quentinho na época de frio, onde eles possam ficar mais quietos.”



Dona curte evento de skate ao lado de seu pet de estimação em Goiânia.

Foto: Winderson Tallys

“ Nós seres humanos quando saímos ou estamos em casa conseguimos nos proteger, já os animais de estimação precisam de mais atenção ”

**MARIA CLORINDA**  
Professora

## CUIDADOS

Lorraine Teixeira, dona da Felu, do Kiro e da Suzi, seus três gatos, já segue as dicas de cuidados, com uma fonte de água corrente para os pets. A tutora comenta um pouco sobre sua experiência e seus hábitos para o conforto dos pets. “Eles ficam muito no quarto com ar condicionado, onde passam a maior parte do tempo, principalmente quando está quente. Comprei um bebedor de fonte, a veterinária disse que seria bom ter um, já que o gato gosta de água corrente e além disso eles ficam mais interessados. Na água do bebedouro, eu coloco gelo para eles se refrescarem.”

A tutora Bárbara Rigonato, dona de uma cadelinha chamada Kiara, também percebe mudanças significativas no comportamento do animal conforme o clima muda. “Durante o clima quente, a minha cachorrinha fica mais quietinha, às vezes até mais isolada, e percebemos aqui em casa que era por conta do calor excessivo de Goiânia. Procuramos sempre dei-

xá-la no cômodo com ar-condicionado, onde ela fica visivelmente mais tranquila e animada.”

Bárbara conta que em dias mais quentes, ela tenta sempre colocar roupinhas e evita passear com ela. A tutora também utiliza produtos específicos para proteger a pele e os olhos da cadelinha durante o tempo seco. “A Kiara tem a pele e os olhos muito secos, e no tempo quente de Goiânia tudo piora. Então, tenho que redobrar os cuidados. Passo um hidratante nos pelos, outro específico para as patinhas, e dois colírios — um para lubrificar e outro oleaginoso. Além do principal e mais básico: deixar sempre a água dela fresquinha e com o potinho cheio.”

Com a previsão de temperaturas cada vez mais extremas nos próximos anos, especialistas reforçam que os cuidados com os animais precisam acompanhar as mudanças do clima. A atenção diária com hidratação, sombra e ventilação adequada pode evitar que os pets sofram com os efeitos do calor e garantir mais qualidade de vida.

## CUIDADOS PARA OS PETS

DIAS FRIOS		DIAS QUENTES
Reserve um lugar quentinho	 	Sempre ter água fresca pela casa
Evite passear em horários chuvosos e muito úmidos		Evite passeios em horários muito quentes
Deixe a alimentação rica e nutritiva		Evite tirar todo o pelo do animal

Tabela produzida pelo Canva para destacar cuidados com os pets.

Foto: Criada por IA



Olhar, visão e atenção animal: os pensamentos curiosos de um gato.

Foto: Winderson Tallys

# OLHARES

POR Rhaissa Portela

*Nas ruas da periferia...*



*O futebol de rua resiste como refúgio da infância. Mas revela a falta de investimento em lazer e esporte.*

